

economia

Copom reduz taxa Selic para 14,75% ao ano

Decisão pelo corte de 0,25 ponto percentual foi unânime e refletiu acirramento da guerra; essa foi a 1ª queda em quase dois anos

/ CONJUNTURA

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central decidiu ontem reduzir a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, de 15% para 14,75%, ao ano. A decisão do colegiado foi unânime e o corte ocorre em meio às incertezas causadas pela guerra no Irã, que impactam o preço do petróleo e pressionam a inflação.

Na reunião anterior, de janeiro, o Copom já havia indicado que começaria a diminuir os juros neste encontro. No mercado, havia dúvidas sobre a magnitude do primeiro corte, por causa da disparada dos preços do petróleo no mercado internacional, após os ataques dos Estados Unidos e Israel contra o Irã.

No fim da tarde de ontem, a curva de juros indicava cerca de 90% de chance de um corte de 0,25 ponto porcentual na taxa Selic, contra 10% de probabilidade de manutenção. Essa foi a primeira redução dos juros em quase dois anos. A autoridade monetária cor-

tou a Selic pela última vez em maio de 2024, quando diminuiu a taxa de 10,75% para 10,50% ao ano.

Antes do corte realizado nesta quarta, a Selic estava em 15% ao ano desde junho de 2025. O período de estabilidade ocorreu depois de o BC aumentar a taxa em 4,50 pontos a partir de setembro de 2024. Esse foi o segundo maior ciclo de alta dos juros nos últimos 20 anos, perdendo apenas para a alta de 11,75 pontos entre março de 2021 e agosto de 2022, que ocorreu após o fim da pandemia.

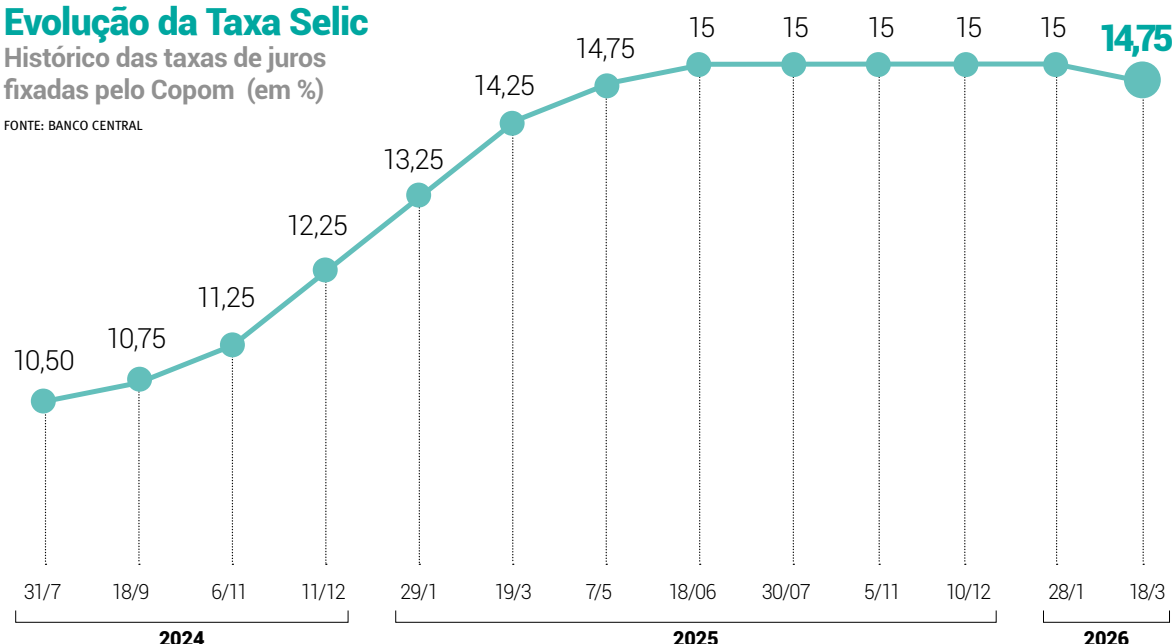
O presidente do Sistema Fiegs, Claudio Bier, comemorou a redução da taxa Selic.

“Representa um movimento importante em um contexto ainda desafiador para o setor produtivo. A indústria gaúcha inicia o ano enfrentando dificuldades relevantes, com níveis de confiança deprimidos, custos elevados, dificuldade de crédito e novas incertezas decorrentes da alta recente dos preços do petróleo por conta do conflito no Oriente Médio e do risco de

Evolução da Taxa Selic

Histórico das taxas de juros fixadas pelo Copom (em %)

FONTE: BANCO CENTRAL



paralisações logísticas”, afirma.

Nesse cenário, segundo Bier, a redução dos juros traz algum alívio às condições financeiras das empresas e sinaliza perspectiva de melhora gradual do ambiente econômico. No entanto, é funda-

mental reconhecer que a sustentabilidade desse processo depende essencialmente do avanço na agenda doméstica.

“Sem sinais claros de responsabilidade fiscal e de estabilidade institucional, o espaço para uma

trajetória consistente de queda dos juros permanece limitado. Reequilibrar essa equação é condição necessária para fortalecer o investimento, recuperar a competitividade da indústria e sustentar o crescimento do País”, salienta.

Com Irã, EUA mantêm juros entre 3,5% e 3,75%

Em meio à guerra no Irã e à disparada no preço do petróleo, o Fed (Federal Reserve, o banco central dos Estados Unidos) decidiu manter a taxa de juros entre 3,5% e 3,75% pela segunda reunião consecutiva.

A medida foi aprovada por 11 votos a 1, sendo que o único a divergir foi Stephen Miran, indicado por Donald Trump neste segundo mandato, que defendeu um corte de 0,25 ponto percentual.

Em comunicado, o Fomc (Comitê Federal de Mercado Aberto) afirmou que a “incerteza quanto às perspectivas econômicas permanece elevada” em virtude das consequências incertas do conflito no Oriente Médio, que começou em 28 de fevereiro.

Sete das 19 autoridades do Fed preveem que as taxas fiquem inalteradas até o final deste ano. Outros sete consideraram que um corte de 0,25 ponto percentual seria necessário, enquanto cinco defendem duas reduções dessa magnitude.

As projeções publicadas

nesta quarta mostram que os banqueiros centrais se tornaram mais pessimistas em relação à inflação nos últimos meses. O aumento de preços nos Estados Unidos, antes estimado em 2,4%, subiu para 2,7% em 2026, enquanto a expectativa para a taxa de desemprego permaneceu em 4,4%.

Os dados mais recentes mostraram que a inflação desacelerou em janeiro, mas o total acumulado em 12 meses subiu de 2,8% para 2,9%.

“Ao avaliar a postura adequada da política monetária, o Comitê continuará monitorando as implicações das novas informações para as perspectivas econômicas. O Comitê estará preparado para ajustar a postura da política monetária conforme apropriado, caso surjam riscos que possam impedir o alcance de seus objetivos”, destacou a autarquia.

Pressionado pelo presidente Donald Trump desde o início de seu novo mandato, o chair do Fed, Jerome Powell, disse nesta quarta que não

tem intenções de deixar a instituição até que a investigação sobre os gastos da reforma de sua sede seja concluída.

O indicado de Trump, Kevin Warsh, ainda precisa ser sabatinado pelo Senado, e deve assumir em meados de maio, quando termina o mandato de Powell.

A decisão já era esperada por analistas que esperavam o posicionamento do Fed frente ao conflito que levou o preço do petróleo em 9 de março ao seu maior patamar em quatro anos e catapultou o preço médio da gasolina e do diesel, que subiram mais de 25% na comparação com o valor antes da guerra.

Economistas dizem que os impactos domésticos e globais dependem de quanto tempo a guerra vai durar, da estrutura de um novo governo iraniano e se os preços do petróleo subirão ainda mais além de US\$ 100 por barril ou se recuarão logo para os níveis anteriores. Nesta quarta, o preço do Brent, referência mundial, chegou a US\$ 109,95.

Indústria de Caxias inaugura fábrica com 17 mil metros quadrados

/ INDÚSTRIA

Roberto Hunoff, de Caxias do Sul
economia@jornaldocomercio.com.br

A Hyva do Brasil inaugura nesta quinta-feira sua nova fábrica em Caxias do Sul, ampliando a capacidade industrial e fortalecendo a operação voltada ao mercado brasileiro e de exportação. Localizada no Bairro Industrial, paralela à Rota do Sol, a nova unidade de 17 mil metros quadrados de área construída integra um investimento conjunto superior a R\$ 50 milhões, realizado em contrato BTS (built to suit) com a GBL Investimentos e Participações. As obras tiveram início em fevereiro de 2025.

O projeto da nova fábrica foi desenvolvido a partir de três pilares estratégicos: eficiência energética, sustentabilidade e melhoria do ambiente de trabalho. A infraestrutura foi planejada para reduzir o consumo de recursos, otimizar processos produtivos e oferecer um espaço mais moderno, organizado e funcional para as equipes, contribuindo para ganhos de produtividade e eficiência operacional.

Com uma capacidade anual de produção de aproximadamente 52 mil cilindros hidráulicos, 1.500 sistemas de piso móvel e 40 mil kits hidráulicos, a planta foi projetada para ampliar a eficiência produtiva e atender ao crescimento da demanda do setor. A estrutura também foi dimensionada para expansões futuras, permitindo o aumento da produção com novos investimentos em máquinas, equipamentos e automação.

Entre os avanços da nova estrutura está a implantação de um novo espaço administrativo, concebido para integrar equipes e melhorar o fluxo de trabalho entre áreas. De acordo com o CEO da Hyva do Brasil, Rogério De Antoni, a nova fábrica representa um avanço importante em eficiência e competitividade. “Essa operação foi projetada com foco em eficiência e produtividade, permitindo ampliar a capacidade de produção, otimizar processos e atender o mercado com ainda mais agilidade e qualidade. É um investimento que fortalece a competitividade e gera benefícios diretos para os clientes, parceiros e região”, destaca.